

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANTIAGO, Mariléia. Mariléia Santiago (depoimento, 2003). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 0min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Mariléia Santiago
(depoimento, 2003)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Levantamento de dados: Amilcar Araujo Pereira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Amilcar Araujo Pereira;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 11/12/2003

Duração: 2h 0min

Arquivo digital - vídeo: 2; Fita cassete: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha da entrevistada se justificou por sua participação na reestruturação do Centro de Estudos Brasil-África (Ceba) e por ter fundado e presidido o Conselho de Entidades Negras do Interior do Estado do Rio de Janeiro (Cenierj).

Temas: Casamento; Dança; Discriminação racial; Educação; Ensino feminino; Ensino fundamental; Ensino superior; Família; Movimento negro; Movimentos sociais; Mulher; Negros; Pedagogia; Racismo; Religião; Religiões afro-brasileiras; Rio Grande do Sul; Volta Redonda;

Sumário

Entrevista: 11.12.2003

FITA 1-A: Origens familiares; trajetória escolar; transferência da família para Porto Alegre, aos sete anos; recordações da irmã Plácida, professora em Porto Alegre, que valorizava a cor da entrevistada, única menina negra na escola; a discriminação racial no Rio Grande do Sul, durante a juventude da entrevistada: os bailes "para morenos", o impedimento de frequentar clube de brancos; o ingresso da família na Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, um clube "para morenos", em Porto Alegre; a importância dos clubes para negros para o fortalecimento da identidade racial; políticos negros do Rio Grande do Sul que funcionavam como referenciais para a comunidade negra; lembranças da vida social na Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora: bailes e concursos de miss.

FITA 1-B: Relato de preconceito sofrido pelo pai da entrevistada em desfile de 7 de Setembro, em Porto Alegre; formação na Escola de Música Palestrina, em Porto Alegre; o primeiro casamento e a mudança para Volta Redonda; a transferência para Itaboraí, onde fundou uma escola de música e, posteriormente, uma escola regular; a trajetória acadêmica da entrevistada na área de pedagogia; ingresso na Secretaria Estadual de Educação e o exercício da função de coordenadora das Escolas Diferenciadas, à época da entrevista; contraste entre a vida no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, no que diz respeito à preocupação com as roupas e com a boa aparência; a opção pela militância no movimento negro, no início da década de 1980; as reuniões, no Teatro Opinião, de formação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), em 1975; a criação do Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), em São Gonçalo (RJ), em 1975; o ingresso da entrevistada no Ceba, no início da década de 1980, e a organização de atividades para os jovens.

FITA 2-A: As atividades do Ceba em direção à valorização do jovem: festas, dança afro, produção de material, apresentações; as dificuldades de representatividade do Ceba em reuniões do movimento negro na cidade do Rio de Janeiro, por se tratar de um grupo considerado do interior; a fundação do Conselho de Entidades Negras do Interior do Estado do Rio de Janeiro (Cenierj), em meados da década de 1980; as rivalidades entre o movimento negro da capital do Rio de Janeiro e do interior, quando da fundação do Cenierj; considerações sobre a migração de muitos jovens negros para as religiões evangélicas; a função política das roupas e dos cabelos afro usados pelos militantes na década de 1980; a participação do Cenierj em eventos nacionais, como o tombamento da Serra da Barriga (1986) e o I Encontro Nacional de Entidades Negras (Enen) (1991); atuação do Cenierj e das entidades do movimento negro do interior do estado do Rio de Janeiro à época da entrevista.

FITA 2-B: Participação do Cenierj na "Marcha contra a farsa da abolição", realizada no Rio de Janeiro, em 1988, e na recepção ao arcebispo sul-africano Desmond Tutu, ao Rio de Janeiro; a relação entre o Ceba e outras entidades do movimento mistas e o movimento de mulheres negras, no final da década de 1980; o significado da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, realizada em Durban, África do Sul, em setembro de 2001, à qual a entrevistada compareceu como delegada do Cenierj; análise dos avanços do movimento negro; o processo de implementação das cotas para negros nas universidades públicas do

estado do Rio de Janeiro, a partir a Lei nº 3.708, de 2001, aprovada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj); a divisão de funções dentro do movimento negro: o exemplo do grupo dedicado a avançar na discussão sobre as cotas; a formação e a profissionalização das filhas, em administração e biblioteconomia; observações sobre a conscientização racial da neta de seis anos; opinião sobre a Lei nº 10.639, sancionada em janeiro de 2003, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio; crítica à criação de órgãos de governo voltados para a questão racial quando não lhes são garantidos recursos necessários; Zumbi dos Palmares e o continente africano como importantes referenciais na vida da entrevistada; a discriminação racial sofrida no exercício do cargo de coordenadora das Escolas Diferenciadas da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro à época da entrevista.

Entrevista: 11.12.2003

Verena Alberti – A gente queria começar, um pouco do começo. Seu nome é Mariléia ou Mariléa?

Mariléia Santiago – Mariléia Santiago.

V.A. – É só Santiago, ou tem alguma coisa a mais?

M.S. – Só Santiago.

V.A. – Você nasceu aonde, Mariléia?

M.S. – Eu nasci no Rio de Janeiro, em Caxias.

V.A. – Que dia?

M.S. – [riso] 31 de julho de 1948.

V.A. – E a filiação? Seu pai e sua mãe faziam o quê?

M.S. – Meu pai, José Santiago, é militar do Exército, e minha mãe, Maria Aparecida Santiago, é do lar.

V.A. – Você tinha irmãos?

M.S. – Tenho um irmão. O nome dele é Maurílio Santiago, ele é militar também.

V.A. – Então 1948... E como é que foi a sua formação inicial, você foi para a escola em Caxias?

M.S. – Meus pais são mineiros de Três Corações e meu pai por ser militar, eu nasci em Caxias, mas na realidade, o que eu me lembro, em termos de vida, é já em Três Corações, Minas Gerais.

V.A. – Já foram direto para lá...

M.S. – É, para Três Corações, em Minas Gerais. A gente tinha uma vida tranquila, porque a gente morava em uma vila militar. Ele na época era sargento do Exército, então a gente uma realidade, na época, convencional, financeira legal.

V.A. – Você foi para a escola lá em Três Corações?

M.S. – Em Três Corações, eu frequentei uma escola que, por incrível que pareça, é a escola da Dona Conceição, onde eu fui alfabetizada, Escolinha da Dona Conceição, e ela ficava em frente a Escola de Sargentos das Armas, que era, na época, o que tinha de mais importante na cidade. Meu pai era monitor dessa escola, então eu fui estudar na Escolinha da Dona Conceição, agora, a questão da estória, é que meu pai foi criado por essa professora.

V.A. – Porque ele era de Três corações...

M.S. – Eles são filhos de Três Corações, tanto ele como minha mãe. Ele foi criado por essa senhora, Dona Conceição, e o esposo dela. E ele era assim: ele fazia o serviço da casa, mas ela exigia que logo após, ele entrasse em igualdade de condições com os alunos. Ele fazia o seguinte: levantava às quatro horas da manhã, e depois, sete horas ou sete e meia da manhã, ele tinha que estar na fila, uniformizado, junto com os outros alunos. Foi a Dona Conceição... E para mim foi complicado porque tinha essa relação, família e ela, então, me era exigido muito, em termos, mesmo em criança.

V.A. – E para o irmão também?

M.S. – Para o meu irmão pior ainda.

V.A. – O Maurílio é mais novo ou mais velho?

M.S. – Ele é mais velho. Depois nós ficamos em Três Corações até eu completar a segunda série primária, depois meu pai foi transferido para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

V.A. – Isso foi quando?

M.S. – Eu tinha mais ou menos uns seis anos, sete anos, por aí... Eu saí de lá na segunda série primária.

V.A. – Mais ou menos 1955...

M.S. – Se bem que, naquela época, não tinha alfabetização, a gente entrava direto na primeira série, com sete anos na primeira série, aquela coisa assim... E nós fomos para Porto Alegre, e lá, minha família sempre teve a questão de que a gente tinha que estudar, e de preferência, estudar nas melhores escolas. Eu fui estudar em uma escola de irmãs, Colégio São Francisco de Assis, em Porto Alegre. É uma escola de umas irmãs francesas, e lá eu estudei algum tempo. A gente sempre teve uma vida de muita mudança de casa, de bairro, porque na época, a gente tinha uma casa própria, quando chegamos a Porto Alegre, fomos morar em casa alugada, mas sempre naquela luta: “Não. Tem que ter a casa própria, tem que comprar um terreno...” E logo em seguida, saí do São Francisco de Assis. Eu fui para o Colégio São Luís, também sempre de irmãs, porque na época, era questão de serem as melhores escolas. Uma coisa, em termos da minha militância hoje, que eu olho, é como eu aprendi dentro dessa escola com essas irmãs francesas. Porque, no primário, tinha a questão da gente estar sempre falando poesias. Todo final de mês a gente declamava. E tinha uma irmã, a irmã Plácida, ela sempre tinha a preocupação comigo de – eu nunca entendi, vou entender agora, muitos anos depois – de estar sempre me colocando em evidência. Claro que eu era a única menina negra da escola.

V.A. – Da escola toda?

M.S. – Da escola toda. Então ela tinha uma preocupação muito grande comigo, de estar sempre me colocando... Eu me lembro que essa irmã já tinha uma certa idade, e me chamava a atenção, que por ela ser francesa, ter aquele sotaque, e toda vez que tinha essa questão da poesia, ela colocava alguma poesia com a questão da conscientização, e eu nunca conseguia... Uma coisa que eu me lembro sempre, foi uma das primeiras poesias que ela me ensinou, eu posso falar? [riso]

V.A. – Pode, claro. E deve.

M.S. – Eu guardo essas duas quadrinhas, mas assim com muita emoção: “Sou pequena e pretinha, bonitinha com a flor. Tenho pose, sou galante e gosto da minha cor. Eu acordo bem cedinho para escola eu ir, encontrando a minha espera Sônia, Maria e Nadir.” Eu me lembro que ela deveria ter umas dez estrofes, mas essas duas me marcaram muito.

V.A. – Quem são Sônia, Maria e Nadir?

M.S. – Não... Isso era da poesia. Não sei se foi feito por ela. Mas foi na poesia, nessa declamação, nesses versinhos, ela me colocava em evidência. Olha a questão... Outra coisa também, como era uma escola católica, claro que tinha a coroação da Nossa Senhora. E ela teve uma questão assim que ela colocou. Naquele ano ela disse: “Esse ano não vai ter anjo. Esse ano são pastorinhas.” E ela me colocou, era aquele grupo de meninas que íamos para a igreja, para ficar em volta da Nossa Senhora com aquele terço todo, que faziam de papel crepom, eu acredito, na época. E ela colocou as pastorinhas para cantar, então, em cada intervalo do terço, a gente cantava uma trovinha. Naquela época a gente não ia ter voz... [risos] E era aquela questão ainda de cantar em latim. Então era uma coisa muito importante. E ela me marcou muito, hoje, porque ela disse: “Esse ano vai ser saia estampada com a blusinha branca, e todo mundo com uma cestinha jogando flores...” E chegava na hora a gente ia lá... Ela mudou tudo, e a igreja não podia falar nada, porque eram as pastorinhas, e as pastorinhas poderiam, na época, ter uma negra, de repente. Seria por aí...

Amilcar Pereira – Você acha que um anjinho não poderia ser negro?

M.S. – Na cabeça, até na questão da Igreja Católica, acho que até hoje ainda vai muito isso. Mesmo com o Movimento Negro... As mulheres da minha idade que passaram por isso, elas falam... Mas eu acho que ainda tem essa visão do anjinho loiro dos olhos azuis. E na época, você vê, como que ela transformou isso tudo, porque sendo pastorinhas, trabalhavam no campo, então poderia ser negra, na visão dela, para mim. Eu acho que é isso. O que eu me lembro do primário.

V.A. – E seu irmão estava estudando em...?

M.S. – Meu irmão foi estudar no colégio marista, no Colégio Champanha, em Porto Alegre...

V.A. – E lá ele encontrou alguém com essa sensibilidade, não?

M.S. – Acredito que não. A gente nunca conversou a respeito disso, mas acredito que não. Porque essa questão racial e da discriminação, na época, era uma coisa muito interessante, porque veja bem, retornando um pouco para Três Corações: nós morávamos em uma vila militar, onde, na época, meu pai era monitor da escola de sargentos, ele era segundo sargento, então tinha uma certa hierarquia, você tinha uma certa casa, você tinha um carro, a gente tinha... Então, você não conseguiria ver nunca ali, a questão velada dessa questão racial ali, naquela cidade do interior. Até porque ali, como era uma escola, e até hoje funciona isso, a Escola de Sargentos das Armas recebe gente do Brasil inteiro, então recebe pessoal do Norte do Nordeste, então é aquela variação étnica muito grande, regional, em termos de Brasil. E a gente vivia ali e não tinha nada disso. Quando a gente chega em Porto Alegre, aí começa o grande choque, porque lá é e não é. Não essa questão de ser, como diz o outro aqui: “Você é moreninho de cabelo crespo.” Eles chamam você de negrito, na época. Não tinha essa questão de dizer: “Não, eu sou branco...” Em termos de Brasil, porque clareou um pouquinho as pessoas achavam...

Lá, se você realmente tivesse aquela característica negra, automaticamente você já era bem separado pela questão europeia, alemãs, italianos... Então, essa questão muito forte no Sul, do colonizador estar ali presente. Então separava mesmo. Eu me lembro que tinham cidades lá como São Leopoldo, Novo Hamburgo, que eram cidades de alemãs, e você ia visitar e estava lá a plaquinha, no mesmo clube: “Hoje, baile para morenos.” Então, no final

de semana era o baile dos brancos, e hoje... Era determinado, colocavam nas lojas aquilo: Baile de morenos hoje. O clube anunciava que naquele domingo, ou naquele dia era o baile dos morenos. As pessoas já sabiam que naquele dia era...

V.A. – E quando não fosse baile para morenos, não podia entrar?

M.S. – Não podia entrar mesmo. De ser barrado mesmo. Não era dizer: você pagou, entrou. Não. Até porque no Sul, nessa época, era muito a questão do clube ser social, de você ter carteirinha. Então não tinha como você ouvia a bem pouco tempo nos clubes, a questão das piscinas: As pessoas vão porque são sócias, para usar as piscinas. E naquela época não. Você ia com a sua carteirinha para o clube social para dançar mesmo, para ir ao baile. A diversão era o baile.

V.A. – Vocês eram sócios de um clube?

M.S. – Aí, quando nós mudamos para um bairro, lá em Porto Alegre, chamado Cavallhada, que a gente chega em um bairro novo, de construção nova, normalmente todo mundo comprando terrenos, e se formando aquele bairro. Aí o que aconteceu ali? Automaticamente as vizinhanças foram todas se aliando, logo fizeram um campo para futebol, porque teria uma praça no meio e um campo de vôlei. E meu pai ia jogar vôlei, meu irmão jogava futebol, toda a brincadeira da gente era ali naquele campo, então era uma comunidade que estava se formando e que viveríamos felizes para sempre, todos. Mas, nessa época, eu já estava com 13, para 14 anos, e alguém teve a ideia de se formar um clube social, porque era da época. Quando vai se formar esse clube social, aí, com essas características que o Sul tem, a comunidade começa a questionar se a família Santiago entraria ou não no clube. Isso aí, eu acredito, que foi um choque para o meu pai, e ele muito preocupado com a cri(?), porque ele tinha, no caso, eu me formando, já adolescente, e meu irmão, já rapazinho, e de repente ele descobre que a gente começa sentir barreiras. Acho que essa foi a grande barreira que ele teve com a questão racial, até por ser aquele homem, ser militar, aquela hierarquia, aquela postura toda.

Mas interessante foi como nos foi colocada essa situação: tinha uma família mais amiga... E quando eles formam o clube, resolveram fazer o primeiro baile. Aí uma família lá,

que eu não estou lembrando o nome, aí ele viu essa discussão, porque a discussão entrou na formação do clube, aí ele vai e chega lá em casa e fala para o meu pai e para a família que estava tendo aquela discussão. Então para me segurar em casa era um problema, porque eu via minhas colegas todas lá preparando... Como que ele ia me segurar na minha casa? Então meu pai ficou muito chateado, deixou de jogar, foi a primeira reação, ele não foi mais porque as pessoas passavam: “Santiago vem...” Ele dizia: “Se eu não posso participar, também não vou jogar mais.”

Mas tinha um problema: ele não poderia estar nos segurando para não estarmos ali naquelas atividades. Foi interessante, que o padre da comunidade frequentava a minha casa, por sermos, minha mãe mineira, aquela família, meu pai com a preocupação de fazer aquela comidaria, a janta era aquela coisa muito farta. O padre normalmente chegava lá em casa, tipo assim, duas vezes por semana ele jantava lá em casa. Ali ele se fartava, tinha aquela coisa toda... Aí meu pai conversou com o padre, e ele pediu licença para falar na missa no domingo sobre a questão. Aí meu pai disse não: “Eu não quero que fale, porque isso é um problema meu. Não quero que a comunidade fique sabendo disso...” Até porque não era uma comunidade... Era uma comunidade branca, a maioria branca, até porque o bairro não era uma comunidade muito pobrezinha. Chamada média, vamos dizer assim.

Ele ficou muito preocupado, e começou a falar com as pessoas da cidade, aí ele descobre que na cidade tinha esse clube para negros, como na época era chamado, clube para pessoas de cor. [riso] Ou clube para morenos. Ele descobre que tinha essa sociedade e ele vai e procura. Ele contava – que ele faleceu há pouco tempo – mas ele contava que ele vestiu terno, gravata... E foi para o clube. Chegou lá, ele encontrou as pessoas, naquele dia a diretoria estava reunida, ele encontrou essas pessoas e falou: “Eu tenho dois filhos, sou mineiro, estou chegando aqui, e quero ver quais são as condições...” Porque para entrar no clube era assim: uma apresentação. Você tinha que ter a apresentação, uma indicação de alguém. Aí ele disse: “Não tenho ninguém para me apresentar, eu sou Fulano de tal...” Aí eles ficaram de dar a resposta depois. Aí, no final de semana, eles chegaram lá em casa com três, quatro carros, aquelas pessoas... Porque iam as famílias inteiras. E chegaram lá na nossa porta para nos conhecer, para conhecer a casa, conhecer a família, aquela coisa toda... E assim nós conseguimos ingressar na Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora.

V.A. – Que era para morenos?

M.S. – Que era para pessoas de cor. [riso] Então conseguimos entrar. Na época, em Porto Alegre, tinha a Satélites Prontidões, Marcílio Dias e a Floresta Aurora.

V.A. – Eram os três clubes sociais...

M.S. – Os três clubes sociais para negros. E era uma... Uma rivalidade não, não chegava a ser uma rivalidade, mas tinha... Cada um queria fazer o baile melhor do que o outro. E algumas pessoas eram sócias tanto do Floresta Aurora, como o Marcílio Dias... No caso, nós não. Nós éramos sócios só do Floresta Aurora, e existia aquela questão de sermos sócios do Floresta Aurora: “Então nós somos os melhores...” Aquela coisa toda. Mas, uma coisa interessante é que o Floresta Aurora, a diretoria do Floresta Aurora, na época, tinha quase que uma obrigatoriedade que a gente estudasse. Todos jovens tinham que estudar. Não sei se tinha uma questão dessa parte da conscientização, mas ali não se admitia o jovem que não estudasse. Até porque, a gente tinha exemplos. A gente tinha jovens mais velhos, doutor João Paulo, que hoje mora até aqui no Rio, então ele na faculdade de Medicina, servia de exemplo para a gente, ele e o irmão. O Bira, na época, fazia Engenharia. Então aqueles dois jovens serviam de referência para todos nós outros. Eu estava com 14 para 15 anos. Nessa sociedade Floresta Aurora, na época, tinham grandes bailes de debutantes, e eu fui uma das debutantes...

V.A. – Você estava com 14 para 15 anos, a festa de 15 anos...

M.S. – Não existia essa questão da festa como tem hoje, que as meninas fazem no clube, não. Mas a gente ainda tinha aquela questão da festa dentro de casa mesmo, mas tinha a questão de ser debutante do clube, de botar o vestido e ser debutante, desfilar... Seria como uma apresentação para a sociedade da jovem, para os parentes e associados. E ali, eu não vi na época, como era questão só social mesmo, mas acabava a gente levando um pouco para a questão da conscientização, não existia como hoje seminários, palestras, não se tinha isso, mas só de estarmos reunidos, era uma questão de fortalecimento. E o interessante, depois que nós estávamos em casa, normalmente apareciam aquelas famílias: “Hoje nós vamos...” No Sul tem muito a questão de tomar o café colonial, existiam os restaurantes... “Então nós vamos hoje para tal lugar tomar o café colonial.” E saíamos em três, quatro carros, aquelas famílias indo para esses cafés. E claro, deveria gerar um mal-estar danado, mas a gente ia.

Mas nessa época também existiam os nossos políticos já aflorando. Nós tínhamos um deputado, Carlos Santos, que era um deputado federal e que ele era a única referência do Sul, de Porto Alegre, de ser aquele político, já ser deputado federal... E o Alceu Colares, que estava começando como vereador na época. Tinha um outro também, Ernani, que também era vereador na época, em Porto Alegre. Essas pessoas também eram referenciais.

A.P. – Levantavam a bandeira da questão racial?

M.S. – Acabavam levantando, porque o doutor Carlos Santos, realmente era sócio do Floresta Aurora. O Alceu Colares também era sócio do Floresta Aurora. Esse vereador Ernani, nem tanto, mas ele era uma pessoa com a pele bem negra, e ele, normalmente careca, então quando ele subia – em Porto Alegre tinha uma rua, a rua da Praia, que era uma rua que normalmente as pessoas paravam, e a Borges de Medeiros, os ônibus subiam, então a comunidade negra toda, os jovens paravam ali, saíam do trabalho e paravam ali. E o Ernani era uma pessoa que quando a gente via, no Centro da cidade, ele apontar, todo mundo via. E eu me lembro, na época, as pessoas diziam assim: “O Ernani não é muito consciente. Não gosta de ser preto...” Ou homem de cor, não sei qual a referência que eles usavam na época, mas eu me lembro bem que uma pessoa disse o seguinte: “Deixa ele para lá, porque ele no meio de todos aqueles outros, todo mundo vai ver que ele é uma pessoa negra. Então ele não precisa ser consciente porque ele está ali, e já está agindo, mesmo não querendo ir por essa bandeira, mas era o único, então deixa ele lá.” Eu ouvi muito isso. O Alceu Colares, na época... O Paim também fazia parte do grupo, o deputado Paim, mas o Alceu Colares na época era uma pessoa que a família ia muito lá em casa também, na época, ele até perdeu um filho. O filho dele morreu afogado, foi uma consternação danada. Isso depois até gerou uma separação... Mas ele, pelo menos na época, era uma pessoa bem consciente enquanto as questões negras. Depois passou esse tempo, eu nunca mais conversei com ele, não sei hoje como funciona essa questão na cabeça, mas foram parte da história.

E nesse Floresta Aurora, eu, na época, fui Miss Florestina, porque ainda tinha essa questão de ser Miss, Rainha da Primavera, Rainha da... Todo mês tinha um baile, e um baile com nome importante, tipo: Rainha da Primavera, Rainha... Até chegar a Miss Florestina, que era o máximo. Mas o Miss Florestina, na época, a gente não usava maiô nem nada disso, e eu até ontem estava pensando: “Podia ter trazido...” As fotos que, na época, a Vera Lúcia Couto

foi a Miss Brasil, a segunda, e eu como Miss Florestina a recebi no clube, então nessa festa, foi uma festa muito bonita, que pela primeira vez se reuniram todas as rainhas e misses das outras sociedades também, que eram até rivais. Então se formou aquela festa, nessa hora todas se uniram, e nós recebemos a Vera Lúcia Couto.

V.A. – Isso foi ainda na da década de 1950?

M.S. – 1964, por aí... Aí ela chega, eu me lembro que ela ganhou um casaco branco de pele, então ela chegava com aquele casaco, com aquele corpo... [riso] Nós éramos meninas, magrinhas, não éramos mulherões, e ela era um mulherão. Então ela chegou com um vestido preto colante, com aquele casaco branco... Gente... Foi um referencial para o Brasil todo, a Vera Lúcia Couto. A Isita do Nascimento, que na época também foi Miss Brasil, foram pessoas... Depois vieram outras, mas a Isita e a Vera Lúcia Couto foram referenciais para todas as jovens negras que estavam ali. E o mais interessante nessa época é que a gente usava perucas, até porque, quando a gente chegava nos salões, as pessoas logo... Então era chique você ter perucas longas, perucas com chapéu...

V.A. – Era moda...

M.S. – Até bem pouco tempo, lá em casa tinha. As minhas filhas morrem de rir dessas perucas. Mas era do momento, e a gente tinha perucas castanhas, pretas, lógico, e com cabelos lisos, imagina... Eu acho que foi uma coisa muito importante em termos dessa questão de ser miss, de estar ali frequentando até os 17 anos essa vida social, que todo mês tinha esses bailes temáticos que a gente ia. Até porque era uma rivalidade entre os clubes. Cada uma fazia o baile da Champanhe, o baile de maio... Aquelas coisas assim...

V.A. – O seu irmão frequentava tudo?

M.S. – Frequentava, mas o meu irmão sempre foi mais tranquilo, até hoje ele é mais tranquilo. E ele, por ser mais velho do que eu... Pode voltar no tempo?

V.A. – Claro. [risos]

M.S. – Uma coisa interessante, que meu irmão, na época, ele tinha que andar comigo para todos os lugares. Porque quando a gente morava em Três Corações, a gente atravessava a cidade inteira a pé, porque não tinha ônibus. Então todo nosso referencial era dentro da Escola de Sargentos das Armas. Queria ir ao açougue: tinha que ir dentro da ESA; padaria: lá dentro; então, aos domingos ia para o cinema, era dentro da ESA; a igreja: era dentro da Escola, tudo girava, na cidade, em torno dessa Escola, então, a gente atravessava a cidade toda. E para onde ele ia, ele tinha que ir junto comigo. E nessa época a gente usava aquelas saias de armações, engomadas, de goma, aqueles vestidos com laços de fita, laços de fita na cabeça... E minha mãe tinha uma preocupação de passar, eu hoje acho que não era um óleo, mas era uma banha nas pernas, para não ficar aquele russo. Então, tomava o seu banho, depois tinha que passar aquela banha. E eu saía com aquela anágua machucando as pernas, era uma loucura aquilo.

Então, ele ficou muito arredio. Quando ele começou a tomar uma determinada idade, seus 14 anos, ele falou: “Não saio mais com a minha irmã.” Então ele resolveu que não sairia mais comigo me acompanhando. Mas também a questão dos bailes... Era interessante, porque você tinha que ir acompanhada dos pais, tinha que estar junto com os pais...

A.P. – Era familiar...

M.S. – É, familiar. Ali os pais se reuniam em determinada mesa, se trocavam, e a gente ficava ali também, as jovens. Nessa época eu tive amigas como a Vera Lúcia, filha do Tesourinha, que foi jogador de futebol, na época, mais famoso, um dos primeiros... Então a gente tinha figuras muito interessantes lá dentro do Floresta Aurora, que hoje até estão por aí pelo Brasil, a gente escuta falar...

V.A. – E você continuava no Colégio São Luís nessa época?

M.S. – Não. Fui para o Colégio São Luís, e depois eu fui para o Colégio Inácio Montanha. Foi a primeira vez que eu estudei em um escola estadual. Dali eu concluí...

[FINAL DA FITA 1-A]

M.S. - ...E uma das coisas que eu não tenho ao longo da vida, é essa questão de ter amigos de infância como as pessoas têm: “Moramos na mesma rua desde três anos, quatro anos...” E eu fiquei sem esse referencial de ter amigos de infância. A gente lembra das pessoas, mas não foi aquela coisa de ter ficado amigo.

V.A. – Aí a família ficou no Rio Grande do Sul até quando?

M.S. – Aí eu fiquei até os 20 anos. Uma coisa que eu gostaria de colocar, enquanto história, é que meu pai, na época, ele sai como primeiro tenente, e o primeiro tenente do Exército recebe a espada. E quando ele vai, no dia sete de setembro, que ele vem comandando a tropa na rua principal de Porto Alegre, no dia do desfile de sete de setembro, ele colocou o seguinte: foi o dia que mais pesou na vida dele, ele fazer parte do Exército Brasileiro. Porque durante esse trajeto da marcha, que ele era comandante da tropa, tanto ele recebeu vaias, como ele recebeu palmas durante o trajeto todo.

V.A. – Em que ano? Foi depois de 1964?

M.S. – É, depois de 1964.

V.A. – Depois do Golpe, durante o regime militar, é isso que ele está falando, não?

M.S. – Não. Em 64 foi o Golpe, não é? Foi em 1963, por aí...

V.A. – Foi antes do Golpe?

M.S. – Foi antes.

V.A. – E ele recebeu vaias por quê?

M.S. – Por ele ser um negro na frente da tropa. Primeiro porque as pessoas nunca... Não foi antes de 64 não. Foi depois, bem depois. Por ele estar na frente da tropa carregando a espada,

como comandante, ele carregava a espada, ele era oficial já. Isso foi uma coisa que marcou bastante também a questão racial na família.

V.A. – E sua mãe sentia também, ou não comentava?

M.S. – Minha mãe foi sempre aquela coisa... Era interessante. A minha mãe, ela é mais para o lado do índio, minha avó era aquela índia “bugre”, então minha mãe tem a tez um pouco mais clara. Era muito interessante essa relação, porque meu pai bem negro e minha mãe com a tez um pouco mais clara, e até porque o cabelo dela daqui para baixo é um cabelo mais liso, e daqui para cima é um cabelo mais grosso. Mas as pessoas sempre olhando de uma maneira diferente, um pouco, minha mãe e meu pai, nessa questão racial das pessoas. Muito mais aqui para o lado do Sudeste, a gente percebe isso muito... A aceitação, vamos dizer assim...

A.P. – Porque lá ela era negra?

M.S. – Ela era negra, mas tinha a pele um pouco mais clara... E a minha mãe sempre do lar, aquela pessoa que sempre ficou ali, sempre empurrando da maneira dela, sempre mais quieta, sempre mais tranquila... Meu pai mais agitado, aquela pessoa enérgica, exigindo muito da gente.

V.A. – Militar...

M.S. – É. Ele exigia muito. Tanto que ele era uma pessoa assim: para comprar supérfluo não. Mas se eu dissesse: “Vou fazer um curso...” Ele não tinha pena de dar dinheiro para fazer cursos, ou qualquer coisa assim.

V.A. – Então você saiu com 20 anos em 1968?

M.S. – Uma coisa que eu quero falar é que eu estudo música desde os seis anos de idade. Comecei a estudar música e sou professora de música hoje, porque eu estudava desde pequena. A gente vinha fazendo o curso. E aos 18 anos eu já tinha o curso superior de música pela, então, Escola de Música Palestrina, hoje Faculdade de Música Palestrina no Rio Grande

do Sul. Então eu consegui esse diploma porque ele achava que a gente tinha que estudar música, e meu irmão também, só que meu irmão nunca conseguiu sair. Então o que ele fez? Ele disse: “O que vocês querem estudar? Esse ano todo mundo vai estudar música.” Aí eu disse assim: “Eu quero piano.” Aí ele: “Não. Piano não, porque o piano eu nunca vou poder te dar. Agora, o acordeom eu te dou na semana que vem.” Aí eu disse: “Tudo bem. Então vou estudar acordeom.” Até porque no Sul, em qualquer esquina que você ia tinha um professor de acordeom. Então eu fui estudar acordeom. Hoje o meu instrumento é acordeom, hoje eu não toco. [riso] Mas eu estudei toda aquela parte de Teoria, História da Música, Morfologia... Desde a Escola de Música Palestrina, até o diploma é reconhecido como nível superior... Meu irmão nunca conseguiu tocar o sax, o sax ficou lá em casa muito tempo, porque ele dizia: “Na pior das hipóteses vai ser músico militar.” Queria dizer: “Se não desse para nada, seria músico militar.”

Meu irmão, quando fez a idade certa, foi para a Escola de Sargentos das Armas. Ele foi ser sargento, hoje já é até oficial da reserva, mas ele também seguiu a mesma linha, ele foi preparado para isso. Ele tinha a preocupação de procurar provas, se matricular e fazer cursos de Matemática, cursos de Física, fora da escola, para se preparar para fazer o concurso para... Mesmo se ele não desse para aquilo, ele seria militar. Um negócio que é colocado na cabeça das pessoas...

V.A. – E qual era o destino que seu pai reservava para você?

M.S. – Ele nunca se preocupou muito comigo, em termos assim, porque eu sempre fui muito parecida com ele. Ele sabia que desde pequena, quando eu tinha meus 14 anos, claro que eu já comecei a dar minhas aulas de música em casa. Ele já se sentia mais relaxado com aquilo, porque eu já tinha como ganhar o meu pão ali. Tinha o ginásio e já trabalhava com meus aluninhos, dentro da minha casa, de acordeom, de música. Ele não tinha muito essa preocupação: vai ser isso, vai ser aquilo. Ele deixava, porque a preocupação era estar bem financeiramente mais tarde.

V.A. – Então até os 20 anos ficou em Porto Alegre?

M.S. – Fiquei em Porto Alegre. Aí, aos 20 anos, eu conheço uma pessoa e venho... Porque quando começa a chegar aos 16 anos, começava o desespero: “Não está namorando ainda, não está noivando, não está casando...” Então tinha que estar. Naquela época era assim, quando muito, era um ano de namoro e noivado, você tinha que... Se você passasse de 20 anos, você já estava para a titia... O negócio já estava ficando meio complicado...

Então eu venho para Volta Redonda, porque a família do meu pai morava em Volta Redonda, e eram funcionários da CSN...

V.A. – Eles não eram de Três Corações?

M.S. – A família do meu pai era de Três Corações, mas depois com a questão da CSN, a maioria do pessoal vai para Volta Redonda. E eu venho visitar os tios, aí conheço meu namorado, aí noivei e casei. Para casar foi complicado porque ele morava em Volta Redonda e eu morava no Rio Grande do Sul, aí nós tivemos que casar em Aparecida do Norte porque era meio caminho para todo mundo...

V.A. – Casaram na basílica de Aparecida do Norte?

M.S. – Não. Naquela época não tinha. Eu casei naquela igreja pequena de Aparecida do Norte. Foram 12 noivas juntas, foi um casamento grande. Meu pai pagou um jantar enorme para não sei quantos convidados, ali em um hotel daqueles... Foi uma coisa assim...

Mas aí, dessa união, nasceram duas filhas, Andréia e Alcione, duas mulheres. E meu casamento, claro que, por eu ser uma pessoa dessas, de estar pensando sempre à frente, a cidade era muito pequena para mim. Eu queria fazer alguma coisa, mas a questão do casamento não deixava, então, meu casamento durou três anos. Aí, quando eu me separei, minha filha mais velha tinha três anos, a outra tinha nove meses... E a característica de Volta Redonda é muito interessante, a maioria negra naquela cidade. Ali são as regiões... Ali você sabe a questão financeira de cada funcionário, por bairros...

V.A. – Bairro dos Operários, bairro dos Engenheiros...

M.S. – Isso. Isso era muito interessante, aquilo me chamava muito a atenção. Aí eu venho... Nessas alturas meus pais vêm para Niterói, porque meu irmão, já na reserva... Meu irmão tinha ido para a escola de Três Corações, tinha saído sargento, e foi transferido para Niterói. E eu morando em Volta Redonda. Eles iam ficar fazendo o quê lá, se não tínhamos família, não tínhamos nada? Ele resolveu vir para Niterói também. Comprou um apartamento em Niterói, e meu casamento também não deu certo: lá venho eu para Niterói com as duas meninas. Uma tinha três anos e a outra tinha nove meses. Aí, nessa época, a gente morando em apartamento, aquela preocupação de estar sempre dando um certo conforto, cada um tem seu quarto... Nós vimos umas casas lá em Itaboraí e fomos para Itaboraí. Lá em Itaboraí, aí nessas alturas eu não trabalhava, tinha meu curso de música, mas não trabalhava em nada. Aí, eu disse: “Tenho que fazer alguma coisa.”

V.A. – O curso de música era em casa...

M.S. – Não. Eu estou dizendo que eu era formada em Música, mas não estava trabalhando. Aí fomos para Itaboraí, quando chegamos em Itaboraí, que nós chegamos na escola que eu fui matricular a garota, a diretora perguntou: “O que você faz?” Eu não me dei por conta: “Sou professora de Música.” Aí na mesma hora ela já me deu o emprego na própria escola.[riso] Eu trabalhei naquelas escolas particulares todas de Itaboraí, porque não tinha professor de música. Em todas, eu consegui trabalhar.

Mas aí, estava faltando alguma coisa. Resolvi montar na cidade uma Escola de Música, porque também não tinha. Então eu consegui montar uma Escola de Música, foi uma época muito... Tinha um movimento muito grande na escola, porque também coloquei Balé, Piano... O interessante dessa história é que ele dizia assim: “Não posso comprar um piano nunca para você.” E eu sempre ficava com aquela coisa, que eu tinha que aprender a tocar piano, um dia eu ia tocar piano. Aí o interessante é que quando eu fui com essa escola de Música, eu consegui comprar um piano para a escola, aí não fui aprender a tocar piano. [riso] Na mão direita a gente toca. A dificuldade é na mão esquerda. Mas eu também nunca mais tive a preocupação de sentar... Aquela coisa que eu sonhei tanto de tocar o piano, acabei não tocando o piano. Tinha tudo na escola, mas depois eu comecei a perceber que estava me faltando alguma coisa, eu tinha que estudar. Aí resolvi fazer o curso de Fonoaudiologia, aí

vim para o Rio, mas depois não deu certo o curso, acabaram com a escola, ali na Vinte e Quatro de Maio. Aí eu fui para Pedagogia. Dali, eu comecei a trabalhar...

V.A. – Você fez faculdade de Pedagogia?

M.S. – Fiz.

V.A. – Onde?

M.S. – Na SOEC, em São Gonçalo. A SOEC hoje é a UNIVERSO, Universidade Salgado de Oliveira. Aí fui fazer Pedagogia, me formei em administração escolar, e resolvi que eu ia transformar a escola de música em uma escola regular. Aí foi o que eu fiz. Pegamos a casa que tínhamos comprado na época, eu fiz a escola, fiquei com a escola durante dez anos lá. O nome da escola era Centro Cultural Infanto-Juvenil. Aí eu fiz administração escolar, depois eu fiz pós aqui na SOMLEI, na época, Madeira de Lei... Isso foi em 1978, que eu entrei para a faculdade, aí vim fazer pós-graduação na SOMLEI, fiz Supervisão Escolar, aí depois, não satisfeita com isso, eu fiz na AFE, Associação Fluminense de Educação, em Caxias, Administração Escolar, pós também.

Agora, em 1972, 73, ainda não tínhamos muito essa questão do mestrado, a gente achava assim: “Está com pós-graduação, está muito bom.” Não tinha ainda esse procurar... Aí em 1982 eu fiz concurso para a rede Estadual de Educação, e daí, fiquei dentro da Educação, já fiz de tudo, fui diretora, diretora adjunta... tudo que se faz dentro da Educação, coordenadora de turno, professora, eu passei por todo esse andar... Dentro da Educação. E em 1999, sempre se falando muito da questão da Secretaria Estadual de Educação, eu fui convidada para trabalhar na Secretaria, aí eu fui, disse: “Vamos lá ver o que eu posso fazer para mudar alguma coisa.” Todo mundo diz.... O que se pode mudar nessa Educação. Eu estou desde 1999 na Secretaria Estadual de Educação.

V.A. – E lá você tem que cargo?

M.S. – Hoje eu sou coordenadora das escolas diferenciadas.

V.A. – O que são escolas diferenciadas?

M.S. – Escolas diferenciadas são as escolas do Sistema Penitenciário, escolas, que são escolas estaduais situadas dentro do Sistema Penitenciário, escolas estaduais situadas dentro do DEGASE, que são jovens em conflito com a Lei, em medidas sócio-educativas, ou seja “entre aspas” infratores, e núcleos de Educação Indígena e Quilombolas. Eu costumo dizer assim: “Tudo que a Secretaria de Educação não sabe onde vai colocar, manda para a Mariléia.” E a gente vai indo, porque existe a questão do Sistema Penitenciário Brasileiro, da grande maioria de negros, então a gente se encontra ali no trabalho. Então eu acho que isso tem me fortalecido muito. Porque as pessoas não entendem: “Mas como você tem coragem de ir ao Sistema Penitenciário?” E vou ao Sistema Penitenciário, até pela questão de estar ajudando as escolas, porque eu sei que ali, a grande maioria negra está ali dentro. Agora eu quero falar um pouco sobre quando eu entro no CEBA.

V.A. – Isso. Pois é, eu queria saber isso.

M.S. – Aí em uma determinada idade, eu começo a sentir falta da questão de estar na luta.

V.A. – Já tinha o seu piano, já tinha sua escola, ainda estava faltando alguma coisa...[risos]

M.S. – Está faltando alguma coisa. Eu preciso ter alguma coisa, até porque, me chateava muito estar no Rio de Janeiro e lá no Rio Grande do Sul, a gente estar naquela luta ali, bem ou mal, a gente sabia dessa questão da diferença, a gente estava sempre se impondo, porque no Sul, o negro se impõe o tempo todo. Tinha que estar se impondo na época. Tinha que estar bem arrumado, você tinha que estar... Quando eu chego no Rio de Janeiro, era uma coisa muito interessante, porque a gente andava muito de meia fina e as pessoas achavam estranho, mesmo em pleno verão eu estar de meia fina, estar sempre arrumada...

V.A. – Já não era o óleo que a sua mãe passava... [riso]

M.S. – Não era. Era a questão de estar ali sempre... Você tinha que se impor por estar bem arrumada. Até porque, lá em casa tinha aquela coisa de ter a costureira, na época também, e

todo mês já comprava quatro lotes de pano e a costureira fazia quatro vestidos ao mês. Porque a gente tinha tanto baile também. Não podia ir com a mesma roupa. Então acostumei com isso, de estar... Essa questão de combinar sapato com bolsa, meia fina, a roupa, eu uso muito conjunto... Então as pessoas não sabem, às vezes as pessoas me olham e dizem: “Você combina tudo.” Mas isso foi uma coisa que a gente foi vendo, acho que é uma questão de se impor, de estar, de chegar em determinado lugar... E é uma coisa também de família: se não puder comprar uma roupa boa, não compra. Compra sempre uma roupa boa, porque a roupa boa vai durar sempre, e a roupa que você comprar de balaio, não tem... E até a questão da bijuteria é interessante. Eu comecei a usar bijuteria há bem pouco tempo, porque na época, você tinha que usar jóias: “Que vai comprar bijuteria o quê? Você tem que comprar é um anel de ouro.” E tinha mais facilidades também, até por uma questão de se impor... Aí, quando eu chego no Rio de Janeiro, era um choque para as pessoas me verem assim sempre. Eu ia dar aulas sempre arrumada, sempre combinada... E as pessoas diziam para mim: “Mas você anda sempre tão combinada, tão isso...” E eu achava horrível, no Rio de Janeiro, as pessoas andarem, na minha cabeça, de qualquer jeito. Você ia a uma festa, daqui a pouco você chegava e encontrava as pessoas de camiseta, a vontade... Eu tive um fato muito interessante no Movimento Negro, depois eu falo sobre isso, sobre a questão da roupa.

V.A. – Ia chegar no CEBA.

M.S. – Sentia assim: “Tenho que entrar em alguma coisa, porque eu tenho que ver o que está acontecendo com essa negrada aqui do Sul-Sudeste...” A gente via as pessoas tão perdidas... Depois eu fui morar em São Gonçalo, então eu sentia muito as pessoas perdidas, a comunidade negra muito perdida, muito espalhada. Aí comecei: “Gente, eu tenho que ver onde tem Movimento Negro...” Aí começa a se falar já em Movimento Negro.

A.P. – Antes, no Sul, tinha essa ideia de Movimento Negro?

M.S. – Não. Nós tínhamos a ideia da sociedade, do clube social, não se tinha essa ideia do Movimento...

V.A. – Quando você percebe isso, é mais ou menos quando?

M.S. – Eu começo a perceber isso, essa questão do Movimento, em 1978, 80. Pela história do Movimento, enquanto IPCN, enquanto história até do próprio CEBA. Ele surge em 1975, de 74 para 75, aonde os militantes vinham... Começaram a se agregar as pessoas, e o CEBA surge em 1975, porque as pessoas faziam reuniões no Teatro Opinião, Milton Gonçalves, essas pessoas todas, militantes do Movimento Negro que estão aí... Aí, iam para o Teatro, porque quando chegasse a repressão, se tornava um grande teatro, ou então as pessoas faziam reuniões aqui e se tornavam aniversários. As pessoas iam para as reuniões levando um bolo...

V.A. – No Teatro Opinião?

M.S. – É.

V.A. – Isso ninguém contou para a gente ainda.

M.S. – Isso é história do IPCN. Se faziam as reuniões no Teatro Opinião, e depois, quando... Porque sempre se sabia quem estava chegando, aí se tornava um show, as pessoas subiam para o palco, Ruth de Souza, essas pessoas todas, e começavam a representar...

E na questão do CEBA, muito aconteceu de eles irem para Magé, andarem, e sempre levando o bolinho, porque, qualquer coisa, virava um aniversário.

V.A. – E tinha episódios de repressão ao Movimento Negro?

M.S. – Tinha. Claro que tinha. Nem era ao Movimento Negro, a gente estava saindo de 1974.

V.A. – Estávamos na ditadura, saindo do Governo Médici.

M.S. – Ditadura mesmo.

V.A. – Era menos porque seria Movimento Negro, e mais porque podia ser alguma reunião subversiva...

M.S. – Com certeza. Até porque, o presidente do CEBA na época, o Jorge Santana, ele era marinheiro, ele era uma das pessoas que estavam fugitivas, ficaram fugidas aí pelo Brasil durante esse tempo todo. Ele então, vivia sempre, onde ele estava, estava sempre alerta. Todas as pessoas...

V.A. – E como é que foi a sua transferência para São Gonçalo? Porque o CEBA vai ser formado em São Gonçalo, não é isso?

M.S. – É. O CEBA é de São Gonçalo.

V.A. – Vocês saem de Itaboraí para São Gonçalo, sua família, antes disso?

M.S. – É. Porque ali, Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, é tudo muito junto. Então até pela questão de ter comprado um apartamento lá em São Gonçalo...

V.A. – E aí fecha a escola?

M.S. – Fechei a escola. Quando eu entrei para o Estado... Fiquei dez anos em Itaboraí, aí depois, fechei a escola.

V.A. – E vieram para São Gonçalo...

M.S. – E venho eu e uma filha...

V.A. – A outra ficou em Itaboraí?

M.S. – É. Porque na verdade, quando eu me separei, elas passam a ser mais filhas do casal Santiago do que da Mariléia. E a minha filha mais nova sempre ficou muito com os avós, então a minha filha mais velha sempre me acompanhou mais...

V.A. – Seus pais ficaram em Itaboraí então?

M.S. – Ficaram em Itaboraí, depois foram para Caxambu. Lá em casa as pessoas são muito assim de...

V.A. – Ele se acostumou com aquela vida de militar e devia estar sempre procurando...

M.S. – Ele dizia que queria procurar uma casa, o sonho dele era ter uma casa de repouso, de campo, qualquer coisa assim... Mas que fosse próximo a terra dele. Ele não queria ir para Três Corações, então ele comprou uma casa em Caxambu, uma propriedade grande até, muito boa mesmo. Eles se davam ao luxo de ficar 15 dias lá e 15 dias aqui.

V.A. – Você fundou o CEBA também, participou da fundação?

M.S. – Não. Eu não participei da fundação não. Eu chego no CEBA bem depois. Eu quero contar uma coisa, que as pessoas de Niterói, Magé e São Gonçalo, vinham para as reuniões no Rio de Janeiro, onde estavam tratando da fundação do IPCN. Então alguém disse: “Vocês já viram o grande número que está vindo do lado de lá para cá...” Aí eles acharam por bem criar uma entidade do lado de lá. Até para facilitar, aí eles fundam o CEBA, Centro de Estudos Brasil-África, e dali nós tivemos pessoas, o Jorge Santana, que eu já falei, a Dulce Vasconcelos, que a fundação se dá na casa dela. Professora Dulce Vasconcelos, que hoje ainda está aí no CODEDINE.

V.A. – Onde ela está?

M.S. – Ela hoje é do CODEDINE, você conhece?

A.P. – Não.

M.S. – Ela hoje está no CODEDINE, a Dulce Vasconcelos, doutora Maria Inês Aires, hoje médica...

V.A. – Esses são os fundadores?

M.S. – São os fundadores. O Edésio, que hoje é diretor da FAETEC, a Matilde Santana, que na época era casada com o Jorge Santana, professora também... Engraçado, que esse Movimento tem um grande número de professores. Dar nome é meio complicado, mas a gente lembra assim... Muita gente passou pelo CEBA, aí se funda o CEBA. O CEBA funcionou de 1975 até 1977, e ele pára em 1977. Dá uma parada, aí eu entro no CEBA em 1982, 83, por aí... Aí, eu conversando: “Gente, eu quero entrar em uma luta aí de Movimento Negro...” Aí as pessoas diziam: “Tem o CEBA, tem o Jorge Santana...” Que sempre foi aquela pessoa de referência dentro de São Gonçalo. Aí eu vou, o procuro no escritório, e ele diz: “Realmente a gente está parado, mas vamos tentar...”

V.A. – Por que tinha parado?

M.S. – Porque os militantes... O Movimento Negro tem uma fase interessante, que é uma fase em que as pessoas precisam tratar da sua vida profissional, a gente já percebeu isso. Porque tem uma época que você está, não é só no Movimento Negro, na militância, e daqui a pouco você tem que ver a sua vida. Então com isso, as pessoas começaram a dispersar, a Dulce vai para o Rio de Janeiro, vai morar em Campo Grande, aí lá cria outro grupo. O interessante é isso, que as pessoas vão, mas com aquela proposta de criar um outro grupo. Aí eu venho para o CEBA, e nós começamos, damos um novo formato ao CEBA, porque até então, era mais assim: Discussões, pesquisa, ver material mesmo... E em 1982, 83, nós começamos a entrar na fase de reunir os jovens. A gente começa a perceber que esses jovens estavam... Não tinham razão nenhuma. E eu com as minhas ideias, de ter vindo de escola de Floresta Aurora, nós começamos a realizar grandes festas Afro-Brasileiras nos clubes, em novembro.

V.A. – Em novembro por causa de Zumbi?

M.S. – Por causa de Zumbi, porque poucas pessoas sabiam, e a gente começou a pensar muito na questão da auto-estima do jovem. E nós começamos a trabalhar com a questão do desfile de moda, que na época... Porque a gente pensou na auto-estima? Porque essa questão de dizer: “O negro é feio, não se vê na televisão... Vamos trabalhar a questão do desfile, que é uma maneira de trazer o jovem.” E começamos, na época, a fazer. O Edjô Évare começa...

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A. – ...Sobre as atividades do CEBA de valorização dos jovens, com desfiles... Agora, eu queria fazer uma pergunta, porque você vinha do Rio Grande do Sul, que tinha... Não era um Movimento Negro propriamente dito, como você explicou, era mais de posições cotidianas...

M.S. – Os negros se reuniam, mas não tinha aquele propósito de estar assim conscientizando o tempo todo. Indiretamente, acabava sendo. Não é como hoje, por exemplo, agora, quando eu vou entrar no CEBA, a gente começa a fazer encontros de jovens com esse propósito, é isso que eu estou tentando explicar, porque quando a gente traz o jovem pela questão do desfile, do grupo de dança, e também, porque nós descobrimos que o nosso jovem, no final de semana não tinha para onde ir. Na época, o Jorge Santana era diretor de uma escola estadual bem no Centro de São Gonçalo, então nós podíamos usar o espaço sábados e domingos para esse propósito. A gente começa a descobrir que de repente esse jovem só tinha, ir para ali, se reunir e conversar. E aí a gente começou primeiro com a questão da festa, com a questão do grupo de dança, se formou um grande grupo de dança Afro, e Edjô tinha a preocupação de estar sempre trazendo um pouco da história, ele montava esses trabalhos trazendo essa história nossa, do negro, da questão religiosa, e para esse jovem. E depois a gente começou a perceber que nós estávamos precisando fazer encontros de jovens também. Então a gente fazia. Pegava um domingo o dia inteiro, convidávamos pessoas para fazerem palestras, geralmente a gente procurava uma pessoa mais jovem para falar igual a eles, para servir de referência. Depois nós deixávamos que eles discutissem ali as questões deles... E para ali eles traziam muita coisa, até relacionada a questão familiar também.

E a gente começou a descobrir isso. Então foi um trabalho muito bom. A gente conseguiu levar esse trabalho quase uns cinco anos com esses jovens, depois eles foram casando ali mesmo se conhecendo, e a gente começou a perder um pouco dessa questão do grupo de dança. Mas na época, em 1988, o maior grupo de dança Afro que tinha era o do CEBA, era assim: “O CEBA chegou.” Era aquela... Porque sabiam que nós trazíamos trabalhos realmente com histórias... Então Edjô, como ele era coreógrafo de escola de samba, ele foi coreógrafo nota 10 na Vila Isabel em 1988, com o Quizomba, então ele fazia trabalhos com máscaras. Mas o interessante é que a gente conseguia reunir esse pessoal, depois nós conseguimos alugar uma casa, e nós fazíamos o material, confeccionávamos também o

material, a gente fazia grandes máscaras, e o jovem participava da confecção e dançavam. Aos domingos era a aula e as coreografias eram marcadas, e nesse Estado do Rio de Janeiro, a gente começou muito a colocar a questão do CEBA: “O CEBA chegou.” A gente chegava com um ônibus, dois ônibus de jovens, dava um trabalho danado...

V.A. – Faziam apresentações em vários locais, é isso?

M.S. – Não profissionalmente. Era assim: na época o Agbara Dudu fazia a noite da Beleza Negra, então nós já chegávamos e já éramos presença obrigatória. E eles sempre ficavam assim: “O que o CEBA traz esse ano?” Nós conseguimos fazer em anos consecutivos, 17 festas, todo ano em Niterói em um grande clube, com trabalhos. Foram anos assim, desde que a gente começou a fazer esse trabalho.

V.A. – Mas ia para o interior do Estado?

M.S. – Também, mas sempre voltado para as entidades, amigos nossos do Movimento. Não era assim: ir para o teatro, nada disso não. A gente ia para a companhia lá de Teresópolis, que existe uma festa de cultura lá todos os anos, aí ela não sabia, dizia: “Gente, vem aqui...” A gente ia lá socorrer, o grupo já ia, arrumava o ônibus, aquelas coisas todas, para fazer... e Nós viajavamos muito, íamos para Minas Gerais, para uma companhia nossa do grupo Chibata de Poços da Caldas, Maria Rita. Tinha um grupo, então a gente ia todo ano, presença obrigatória na festa dela da cultura negra.

A.P. – Então tinha um intercâmbio...

M.S. – Tínhamos um intercâmbio. Friburgo, a gente ia muito... Aí, com esse trabalho do CEBA, nós começamos a perceber que toda a vez que nós chegávamos no Rio de Janeiro, porque aí tinham os grandes grupos no Rio de Janeiro, o IPCN, e as pessoas faziam os encontros nas faculdades, aquela coisa toda... Mas quando nós chegávamos, nós não tínhamos voz. Tipo assim: nós não éramos ninguém dentro do Movimento Negro. Nós éramos do interior. Mesmo sendo São Gonçalo, uma cidade próxima, ali do outro lado da baía, mas nós não tínhamos voz. A gente chegava lá no IPCN, estava aquela discussão, as

peessoas estavam naquela fase, em 1988, que as pessoas queriam falar, e queriam... “Vamos fazer uma grande manifestação...” também era assim, já saía. Das reuniões já saíam as grandes manifestações, mas a gente não tinha voz. Nós de São Gonçalo, e o pessoal do interior que vinha, a gente não tinha voz, porque tinham pessoas aqui no Rio de Janeiro que eram os “bam-bam-bans” do Movimento Negro, eram as pessoas que estavam estudando, então os discursos eram aqueles discursos mesmo de empolgação, e a gente sempre ficava lá no cantinho.

E nós começamos a perceber isso porque foi em uma época também, 1988, 89, que começa a chegar essa questão de incentivo, e nós nunca conseguíamos nada, mesmo a gente tendo um grande trabalho, a gente nunca conseguiu incentivo nenhum...

V.A. – Financiamentos de ONGs...

M.S. – Ainda não se falava em ONG, ainda era a questão do Movimento. E a gente nunca conseguia nada. E a gente começou a perceber que não éramos só nós, éramos todo o pessoal do interior que tinha essa dificuldade aqui no Rio de Janeiro. Aí o Jorge Santana um dia pensou e falou assim: “Eu vou fazer um encontro do interior.” Aí ele foi e mandou umas cartinhas lá para as pessoas...

V.A. – O interior que vocês tinham contato era Teresópolis, Friburgo...

M.S. – Nós tínhamos contatos com Cabo Frio...Deixa-me falar um pouco do CENIERJ, depois eu te falo os nomes... Aí o Jorge Santana escreveu umas cartas, mas ele não falou nada para ninguém que tinha feito. Aí depois ele virou para mim e falou assim: “Poxa. Escrevi umas cartas e as pessoas não compareceram.” Aí eu falei: “Mas não é assim. Você tem que dar um tempo para as pessoas...” Ele marcou oito horas da manhã, oito e vinte não tinha ninguém, ele foi embora, depois descobriu que as pessoas tinham chegado. “Não, não é assim. A gente tem que marcar um dia inteiro, fazer um almoço...” Aí foi que nós resolvemos uma outra data. Aí fizemos um almoço, convidamos as pessoas...

V.A. – Precisava de alguém com *know-how* de clube social, com um almoço, com mais coisas... Não era só, oito horas, e oito e meia acabou.

M.S. – Isso. Não tinha visto por esse lado. [risos] Aí ficamos e começamos. Aí nesse encontro veio Magé, Cabo Frio, Nova Friburgo, Niterói e São Gonçalo...

V.A. – Teresópolis também?

M.S. – Não. Vieram sete entidades do interior, sete pessoas.

V.A. – Em todos esses lugares tinha entidades do Movimento Negro?

M.S. – Tinham pessoas trabalhando, porque nós tínhamos em Nova Friburgo, na época, o Nélio, que era funcionário do Banerj, que era a pessoa da cidade que todo mundo tinha como referência enquanto negro, em Cabo Frio o doutor José do Carmo, a doutora Maria Inês em Magé.

V.A. – É a mesma Maria Inês Aires?

M.S. – É a mesma Maria Inês Aires. De Niterói foi a Lia Vieira, e lá em São Gonçalo era o Jorge que estava na frente. E daí surgiu a ideia, vamos começar... Discutimos, passamos, almoçamos, tudo... Dissemos: “Bom, agora tem que ter o próximo encontro.” E o próximo encontro aconteceu em Cabo Frio. Aí foi uma surpresa muito grande. Quando chegamos em Cabo Frio, como o José do Carmo tinha uma estrutura, e como a cidade tem estrutura de turismo, aquela coisa toda... Aí surgiram pessoas de Nova Iguaçu, aí começou a abrir o leque, Teresópolis, aí, Niterói, São Gonçalo, começou a crescer esse trabalho. Surge Volta Redonda, e Volta Redonda tem várias entidades, tem o clube Palmares, que é o mais antigo, a Consciência Negra de Volta Redonda, tem os Guerreiros de Água Limpa, que é um grupo de capoeira, que é um trabalho... Água Limpa é um bairro. E aí, nós chegamos em Cabo Frio já com esse grande número de pessoas na Região dos Lagos. Vem aquelas regiões ali todas, Araruama, aí começa a surgir as pessoas, aí vai crescendo o trabalho. O nosso terceiro encontro já foi em Volta Redonda. Aí já foi mais ainda. Aí o pessoal falou: “Está crescendo isso. A gente tem que dar um nome.”

E começamos a incomodar a capital. A capital começa a descobrir que estão acontecendo esses encontros e começam a chegar. Aí lá não. Lá era nossa vez. Lá quem tinha voz, e o espaço era nosso, então era muito interessante, porque aí chegava o Ivanir, o Januário Garcia chegava para fotografar, ele tem aquela questão da documentação que a gente estava falando, ele tem os primórdios, que nós não temos, mas eles têm. Surgiu Itaperuna, no primeiro encontro participou Itaperuna com o Borracha, José Luís. Ele é conhecido na cidade como diretor de uma escola, José Luís, o apelido dele é Borracha, de Itaperuna. Ele também veio no primeiro encontro.

Aí no terceiro encontro nós fomos para Volta Redonda, no quarto já fomos para Itaperuna... Aí o pessoal já começava: “Temos que começar a criar um nome, já que já estamos incomodando...” E começou a fortalecer mesmo, porque a gente começou a criar situação assim: sempre cinco militantes que poderiam ir de cada entidade. A gente não podia deixar à vontade, porque senão também criava um problema. Fomos criando as mesas de discussões, e ali a gente discutia a questão da Educação, Saúde, a mesa da Mulher, e a gente começou a crescer muito. A princípio a gente convidava pessoas, mas depois a gente percebeu que no interior a gente tinha esse pessoal, não precisávamos dos “bam-bam-bans” da capital para...

V.A. – Essas outras entidades do interior também se identificaram com essas dificuldades de relação com a capital?

M.S. – Sim. Tínhamos, porque todo mundo aqui da capital sabia que existia o Nélio lá em Nova Friburgo, mas quando o Nélio chegava as pessoas diziam: “O Nélio está aí, do Movimento de Friburgo...” Mas era só, não tinha outra... Deixar falar, nada disso. Era como se o pessoal do interior não estivesse preparado para estar a frente falando. Criou-se uma rivalidade, mais ou menos, nessa questão. E a gente começou a perceber que nessa época no interior, as pessoas todas estavam formadas. Porque a gente conseguiu ver um grande número de médicos, advogados, e a gente percebia isso claramente no interior, as pessoas estavam, vamos dizer, em termos de conhecimento, até bem mais adiantados. Conhecimento não, formação. Aí nós montamos o CENIERJ.

V.A. – Esse foi o nome que acharam?

M.S. – É. Porque disseram: “Temos que arrumar alguma coisa.” Aí conseguimos, se votou no CENIERJ, Conselho de Entidades Negras do Interior do Estado do Rio de Janeiro.

V.A. – Bem claro que é do interior. Não entra a capital.

M.S. – Era uma briga, porque nós tínhamos um companheiro, nome era Marcílio de Nova Iguaçu, falecido Marcílio, ele andava de bengala, então ele chegava inflamado, a gente dizia assim: “Você aprendeu com a capital.” Tinha que sempre gritar. Aí ele começou a chamar a capital de comarca. Então os companheiros nossos do Movimento Negro do Rio de Janeiro que chegavam no interior, sofriam. O pessoal dizia assim: “Chegou o pessoal da comarca. Vocês vêm aqui...” E o pessoal ia para filmar nossos eventos, para fotografar nossos eventos, porque as pessoas aqui discutiam, tinha o IPCN, mas não tinha aquele trabalho, porque a gente conseguiu criar junto um trabalho com jovens do interior, e por isso que a gente trocava muito. Quando você pergunta que a gente ia... Tipo assim: Nova Friburgo faz um evento até hoje dia vinte de novembro. É a única cidade que faz hasteamento da bandeira Pan-Africana em praça pública há muito tempo. E nós íamos para lá, para dar uma força para o companheiro Nélio. Ia para Teresópolis dar uma força para a companheira Rosa, porque a prefeitura dava: “Você tem um espaço na festa da cultura.” E nós tínhamos que levar coisas nossas, que a gente sabia, não era o samba... Eram coisas nossas da nossa atividade de cultura, de etnia, aquela coisa toda...

E começamos a criar o CENIERJ. O CENIERJ está aí hoje. Nesse próximo domingo a gente vai fazer o nosso primeiro encontro de crianças. Porque os jovens, a gente conseguiu. Os jovens hoje já estão tendo o movimento deles, já fazem encontro separado. Porque antigamente era assim: o CENIERJ se reunia, nós nos reunimos de seis em seis meses, em uma cidade...

V.A. – Encontros semestrais.

M.S. – O próximo encontro é em Cabo Frio. Tivemos um encontro em Piabetá. É março e setembro, sempre assim. Então os jovens começaram: “Nós queremos um encontro...” Dissemos: “Tem que tomar cuidado para não se formar um novo CENIERJ.” Mas eles já

fazem encontros de um dia, dois dias como o CENIERJ faz, antigamente era só uma mesa. Mas eles perceberam que o jovem que vinha, às vezes, em um encontro, não era o mesmo do outro. Eles não tinham uma continuidade de trabalho, então hoje o CENIERJ já tem esse grupo de jovens que está levando, e a minha colega, a Maria Inês, disse: “A gente tem que fazer um encontro de crianças.” E o pessoal está cobrando. E vai ser o primeiro encontro de crianças agora, domingo. Vai ser lá em Piedade, em uma casa que ela tem lá em Piedade. Mas vai ser um encontro em que a gente vai trabalhar com oficinas, com teatro, com dança... Voltado mais para as crianças mesmo. Até porque hoje, como essas crianças são filhos de militantes, eles já vem com uma outra conscientização, porque eles... Os nomes, Dandara... Wine Mandela, a filha de José Luís lá de Itaperuna... esses nomes que as pessoas foram trazendo. E as crianças contam as histórias dos nomes deles. Isso que eu acho muito interessante, eles já sabem. Então hoje não precisa mais estar muito preocupado de estar conscientizando no encontro de crianças. A preocupação é mais de trabalhar a questão da dança, da religião... A gente procura mostrar, porque nossos jovens estão indo muito para a igreja evangélica também. Isso foi uma coisa que a gente começou a perceber, que a gente começou a perder o jovem para a igreja evangélica, principalmente, para a Igreja Universal. Porque eles não tinham muita opção, ou vai para a igreja, ou vai...

V.A. – E essa questão da religião, é religião Afro-Brasileira?

M.S. – A que nós falamos sim. Da nossa cultura.

V.A. – E você com a sua formação católica, como é que é isso?

M.S. – Não. Não me atrapalhou muito, porque quando você está na escola, enquanto diretora, essas coisas todas, eu costumo dizer assim, que hoje eu sou até esotérica, sei lá o quê... Você tem que ir a tudo... e para mim a religião Afro serve muito de estudo, de pesquisa. Eu não sou adepta da religião Afro, mas tenho que entender que ali está a minha história. Não tenho como escapar disso, não cultuo, mas também não posso deixar... É realmente meio conflitante, você estar dentro da igreja católica, você ir a uma missa, aí você olha para um lado, olha para o outro, cadê os negros? Não estão ali. É meio conflitante isso, mas a gente

sabe é essa luta. Mas para mim serve muito de pesquisa de cultura, e não dá muito para separar, não tem como.

V.A. – E os negros estariam mais na igreja evangélica hoje em dia, que você diz?

M.S. – Muito.

V.A. – Uma coisa que eu tinha marcado aqui, que você ia falar depois... A roupa...

M.S. – É que eu estava falando da roupa, digo, eu quero falar porque o pessoal... E como eu sempre tinha essa questão de formação, hoje vai até em uma festa, em uma atividade, você hoje vê os negros já bem arrumados, arrumados para nós, para mídia... Mas teve uma época aí, que as pessoas usavam mesmo os cabelos mais para agredir, usavam o cabelo rasta, botavam aquelas roupas bem estampadas... Então era uma questão de reação mesmo, assim: “Eu sou militante do Movimento Negro.” A gente tinha essa questão de estar fazendo penteado Afro. Hoje as pessoas já estão usando mais naturalmente, mas em 1988, a gente usava mesmo por uma questão de agressão, principalmente as mulheres negras, usavam cabelos rasta, botavam as roupas bem estampadas e iam para as ruas mesmo. E quando a gente chegava, a gente viajava, arrumava um ônibus: “Nós vamos para Salvador.” Um ônibus cheio de mulheres negras. Quando desciam aquelas mulheres assim no restaurante, éramos as mais alienígenas possíveis, e as pessoas ficavam assustadíssimas de verem. Pessoas raspavam, ou usavam o rasta mesmo, pintavam de loiro, botavam aqueles turbantes... Então, foi uma questão mesmo de agressão. Em 1988 era usado isso como uma agressão: “Cheguei. Estou aqui!” e tinha que ser assim.

Hoje é diferente. Quando eu entro na Secretaria de Educação, ninguém mexe muito comigo não, porque eles falam assim: “A professora Mariléia é do Movimento Negro.”

Mas hoje eu não preciso estar usando aquelas roupas, porque hoje as pessoas identificam até pela questão do seu discurso. Mas antigamente, a gente tinha que se identificar mesmo, de chegar e mostrar, e tinha que botar as roupas... Amauri então, botava aquelas camisetas de... Agora os jovens usam muito “100% Negro”, mas naquela época, a gente criava umas frases de impacto, que era para... Interessante.

E hoje, a questão do Movimento Negro também está entrando na universidade, servindo de pesquisa. Há essa mudança, esse respeito. Mas a gente teve que batalhar muito, ir para passeatas, 20 de novembro, ir para o tombamento da Serra da Barriga quando o presidente Sarney juntou um grupo do Movimento Negro, aí juntou pessoas do Brasil todo, então, você chegar em Brasília, aquela quantidade de negros militantes... Então essas foram fases nossas que marcaram muito.

A.P. – Tenho uma pergunta justamente sobre isso. O CENIERJ participa do ENEN em 1991, em São Paulo?

M.S. – Em 1991 nós fomos para São Paulo. Participou sim e foi muito complicado porque, na época, a gente sempre teve uma briga muito grande com o Ivanir dos Santos, porque o Ivanir dos Santos era do CEAP, e ele sempre dizia: “O CEAP chegou...” E nós chegamos no ENEN em 91... Teve um encontro em São Paulo, não me lembro se foi o ENEN, que estavam as pessoas, e nós começamos a colocar nas paredes, em papel ofício mesmo, “o interior está aqui”.[riso] O Ivanir ficou muito danado, porque ele gostava de dar as ordens. Nós chegamos e aprendemos a ganhar tempo, tipo assim: um se inscrever atrás do outro e começar a colocar: “Porque o interior do Estado do Rio de Janeiro...”

V.A. – Inscrever o nome para falar, é isso?

M.S. – É. A gente começou a usar táticas, tipo assim: a gente se inscrevia um atrás do outro, aí um falava um discurso, aí daqui a pouco outro ia e colocava o discurso do interior... E o Ivanir dizia assim: “Vocês tiraram não sei quantos minutos do ENEN...” Em relação a isso, a gente começou a se posicionar, porque aí passou a ser uma bandeira, o Movimento Negro do Interior do Rio de Janeiro. A gente começou a levar como bandeira, e mostrar para as pessoas, que era o interior presente. Chegava em São Paulo, ou chegava na Serra da Barriga: “O Rio de Janeiro está aqui, o interior do Estado do Rio de Janeiro está presente.” A gente começou a mostrar e começou a incomodar muito a comarca, como dizia o Marcílio. Incomodamos demais.

V.A. – E os outros Estados também tinham essa...

M.S. – Não. O Rio de Janeiro é o único que tem esse conselho do interior.

V.A. – Porque será?

M.S. – Acho que não, porque não houve necessidade. A gente até queria provar nesse encontro que a gente começou a colocar a proposta nossa, que era a interiorização do Movimento Negro em termos de Brasil, que existe, mas só as pessoas, o CENIERJ é o único órgão que congrega o interior.

A.P. – Em São Paulo tem um movimento forte em São Carlos...

M.S. – As cidades pequenas do Brasil têm os movimentos. Se você olhar até em termos, principalmente, dessa questão quilombola, você olha o grande interior, em termos de Brasil, está no interior. Mas, assim, de montarem a questão da entidade, da instituição, fomos só nós.

V.A. – Então esse surgimento do CENIERJ foi mais em relação a isso, porque nos encontros vocês tinham sentido que não tinham espaço, e acabou crescendo, e o apoio entre as diferentes entidades...

M.S. – A gente apoia até hoje. A gente apoia, a gente se troca muito por telefone, agora, e-mail, graças a Deus, tipo assim: “Olha, eu estou precisando... Está acontecendo isso na minha cidade...” E a gente realmente junta um grupo, e quem pode estar mais próximo vai dar uma ajuda ao companheiro. A gente tem essa convivência legal.

V.A. – E como está a relação hoje com a comarca? Continua assim difícil?

M.S. – Olha, hoje está até interessante, porque eu coloquei bem, durante essa nossa conversa, que nós ainda éramos Movimento Negro. Porquê? Porque hoje a gente vê muito a questão da ONG, das OCIPs¹ chegando. E hoje já está chegando no CENIERJ essa questão dessa organização, que hoje é preciso. Por isso que eu falei que hoje é o grupo mais jovem que já

¹ Organização de Sociedade Civil de Interesse Público.

está conseguindo ter essa relação com a Fundação Palmares. Porque quando nós criamos o CENIERJ, ele foi criado da base. Então nossos encontros eram feitos em CIEPs, levando colchonetes. Poucas cidades, hoje ainda, no interior, quando tem condições de reunir ainda com estrutura, como a Região dos Lagos que tem hotéis, então eles têm facilidades de ir até a prefeitura e conseguir acomodação em hotéis, questão turística mesmo. E algumas cidades não, você tem levar o colchonete. Então as entidades vão, então a gente costuma dizer que era a base. E a comarca, uma das coisas, é que quando era encontro que tinha com hotel, logo eles chegavam e davam um jeito de chegar e entrar para os hotéis, mas quando era de base, como aconteceu agora em Piabetá, que é em um CIEP, que não tem estrutura mesmo, aí você já não vê a presença de ninguém da capital, você vê mais é o pessoal do interior que chega mesmo com o colchonete. Hoje, já no CENIERJ, a gente já tem a questão da Petrus ajudando, eles já conseguem ter, esse grupo que está à frente, de conselheiros...

V.A. – Por causa de **[incompreensível]**

M.S. – Não. É porque hoje, com essa questão social, eles estão ajudando. Hoje a Petrus eu sei que está ajudando. Um encontro que nós tivemos a Petrus pagou todas as hospedagens em Arraial do Cabo. Hoje as pessoas já fazem, aprenderam a fazer os projetos. Até porque, tipo assim: esses grandes trabalhos que têm aí de pré-vestibulares, as entidades estão trabalhando com isso. Aí tem que ter ajuda, então hoje o interior já faz projetos para as universidades, para Universidade Diversidade lá da UERJ, da Política da Cor. Hoje as entidades já fazem projetos voltados... Quase todas as entidades do interior têm trabalhos com pré-vestibular. Porque eu vejo uma mudança nesse nosso andar de situações... Eu acho que a questão racial, lógico, continua, mas de trabalhos. Teve uma época que nós no CEBA tínhamos que trabalhar com a questão da autoestima, trabalhar com o jovem. E hoje não, hoje as pessoas já veem a questão do pré-vestibular, de ajudar no primeiro emprego, dar capacitação mesmo, de SEBRAE essas coisas... Hoje eu vejo que as pessoas estão muito preocupadas com isso...

V.A. – Com a formação, digamos assim.

M.S. – Com a formação.

V.A. – A auto-estima já foi fortificada.

M.S. – Com certeza. Eu vejo isso hoje muito claramente. Os Movimentos de Mulheres, hoje todas elas já estão indo para determinados... Alguém está trabalhando com AIDS, outros já estão trabalhando com a questão da sexualidade, outros já estão trabalhando... Estão se dividindo bem, e até porque há oportunidades que estão chegando aí... Antigamente, para a gente fazer uma cartilha...

[FINAL DA FITA 2-A]

M.S. - ...Hoje não. Hoje você já procura determinadas, instituições, entidades aí, e já patrocinam. Hoje, você veja bem: O CENIERJ já teve até representante, eu fui como delegada do CENIERJ para a África do Sul...

V.A. – Você participou de Durban...

M.S. – Então olha o andar aí.

V.A. – O CENIERJ foi fundado quando?

M.S. – Eu para datas sou terrível. Mas eu acho que foi em 1982, mas se depois tiver que confirmar isso contigo, eu prometo que eu mando direitinho para vocês. 1982 não. Ele sai em 1985 por aí...

V.A. – Voltando um pouquinho. Em 1978, você ainda não estava no CEBA. Em 1975 o CEBA foi criado, e em 78 foi fundado em São Paulo, teve aquele movimento nas escadarias do Teatro Municipal, onde foi fundado o MNU. Você teve conhecimento, participou disso?

M.S. – Não. Só a história mesmo... Até porque, quem não sabe dessa história? Da Lélia Gonzáles... Isso é um referencial de história para nós, referencial que a gente tem que passar para os nossos jovens, que a luta... Teatro Opinião mesmo, com Abdias do Nascimento... Isso é referencial histórico para passar...

A.P. – Já em 1988 na Marcha, com o CENIERJ já formado, já estava presente?

M.S. – Com certeza. Nós participamos, em termos de interior, de duas grandes... Na Marcha de 1988 o CENIERJ vem com toda a força, e também, quando o arcebispo Desmond Tuto (???) veio ao Brasil, a gente já conseguiu sentar com a capital e fazer parte da organização desse movimento, porque na época, eles não queriam que a comunidade negra chegasse perto do arcebispo. E nós tínhamos...

V.A. – Eles quem?

M.S. – Eles, na época, diziam que era o Itamaraty, que eles queriam mostrar o Brasil lindo e maravilhoso. E nós nos reunimos, conseguimos descobrir que ele ia chegar ao Rio de Janeiro, e as entidades todas se reuniram, me lembro bem que nós nos reunimos no Renascença, e tiramos comissões. Um ia trabalhar com a comissão de recepção, outro de... Mobilização para receber, porque nós queríamos falar para o arcebispo Desmond Tuto (???) o que também o Brasil passava. E o Itamaraty o tempo todo... Com muito custo nós conseguimos, acho que foram oito minutos com ele, na ABI. E nós conseguimos nos reunir, trabalhamos juntos com as comissões, e quando chegamos: “Temos que falar com ele. Como falar?” Então as pessoas que sabiam falar inglês, fizeram um grupo só para escrever faixas para colocar em volta da ABI, dizendo que no Rio de Janeiro, como é que vivia o negro brasileiro. E foi assim muito emocionante porque ele leu as faixas e disse que não precisavam se preocupar não, porque ele sabia bem como vivia o negro no mundo, que ele tinha esse contato.

Então foi uma, das vezes, que nós conseguimos trabalhar com a capital bem, nessas comissões. Mas em todas as questões de mobilização de Marcha, a gente conseguiu se unir.

A.P. – Você estava falando sobre essa relação do CENIERJ com a comarca, com a capital hoje em dia. Você falou que melhorou bastante...

M.S. – Sim. Porque hoje, por exemplo, a UERJ, geralmente... No próprio ENEN, esse que teve na UERJ, já tiveram pessoas da comissão que fazem parte do ENEN, o interior já tem o seu lugar no ENEN...

A.P. – Já tem fórum da CONEM no interior?

M.S. – Tem sim.

A.P. – E você sabe quais são as entidades?

M.S. – Com certeza Volta Redonda e Carmo do Rio, ali do lado de Além Paraíba. Não sei se a Região dos Lagos também faz parte não, porque na época eu...

V.A. – Em 1988 teve, então, a Marcha Contra a Farsa da Abolição, que vocês participaram ativamente, e teve também o primeiro Encontro Estadual da Mulher Negra do Rio de Janeiro, você chegou a ir...

M.S. – Com certeza. De todos esses movimentos a gente... É. Se bem que o CEBA, nós não tínhamos essa bandeira da questão da mulher. A gente participava, mas não... A gente vinha e depois até pegava tudo que tinha e levava para as companheiras, mas não éramos uma entidade... Até o pessoal do Movimento de Mulheres, por muito tempo, ele brigava muito com as mulheres que faziam parte de movimentos mistos. Elas diziam que a gente era cooptada pelos homens do Movimento Negro. Elas não conseguiam entender... Era uma relação meio complicada, agora não. Hoje estamos todos juntos, hoje elas já aceitam que a gente esteja, mas naquela época da formação do Movimento de Mulheres foi meio complicada essa relação, de quem fazia parte de movimento misto e quem fazia parte do movimento de Mulheres.

A.P. – Alguma experiência especial em Durban, alguma coisa que você queira destacar sobre a participação do CENIERJ? Você foi como delegada do CENIERJ... O que fica de Durban para você?

M.S. – Bom, primeiro, eu estou falando enquanto militante, do interior do Estado do Rio de Janeiro estar junto com a representação, quase que oficial. Então eu acho que isso marcou muito, porque as pessoas hoje, quando olham para mim, eles não conseguem me ver, mesmo

eu trabalhando aqui na capital, como militante da capital. Eles sempre dizem: “Do interior do Estado do Rio de Janeiro tem a Mariléia.” Então eu acho que essa participação foi muito importante, assim: hoje a gente tem uma respeitabilidade em termos de Brasil, as pessoas já olham para a gente e já nos reconhecem, enquanto trabalho. E estar no mundo, foi assim uma coisa bem marcante mesmo. E você vê que... Não sei te dizer ainda o que trouxe para a gente Durban, porque a gente até está discutindo isso ainda. Mas com certeza reforçou... Acho que é por aí... Para quem olha... Eu, por exemplo, que comecei há algum tempo, a gente olha: “Estar em Durban discutindo, vendo, acompanhando a discussão...” Muito importante ver as companheiras, a gente participando ali da parte da Conferência das Organizações, aí já eram as ONGs. A gente estava presente ali, e eles estavam respeitando... Eu acho que é por aí, e valeu a luta também... Não parou, mas acho que...

V.A. – Eu estou sentindo em toda a sua fala hoje, que realmente, esse movimento todo, esse engajamento, foi bastante vitorioso. Hoje se você diz que a questão racial não mudou muito, mas do ponto de vista do Movimento e dessa possibilidade de estar em Durban... E aí, eu me lembrei que antes de começar a gravar, você falou do 20 de novembro agora, que você se deu ao luxo de ficar em casa...

M.S. – Em casa, vendo o que estava acontecendo em todo o Brasil...

V.A. – Que as pessoas diziam: “Você não vai para a rua...”

M.S. – Então ligavam para mim, companheiras chorando: “Estou lembrando de Fulano, estou lembrando de Ciclano...” Companheiros nossos que já foram... Eu digo: “Não. Mas espera aí. Hoje a gente que abrir espaço também para as outras pessoas, para os mais jovens falarem.” Porque se a gente não abrir... Mas eu acredito que esse “andar” foi muito vitorioso sim. As pessoas dizem: “O que aconteceu?” Hoje a gente tem livros que você não tinha algum tempo atrás. Quando você queria uma bibliografia, era um problema muito sério, a gente não tinha mesmo. Hoje você procura o Papa-léguas, o Papa-léguas já coloca uma barraca de livros só sobre a questão negra, e cultura negra, e tudo que você queira, ali ele tem. Você chega na livraria, hoje você já encontra, antigamente você só ouvia falar em *Casa-Grande e Senzala*, *Malcolm X*. Até os próprios vídeos também, acho que hoje você observa que a televisão,

mesmo sem grande alarde, mas no mês de novembro todo ela colocou filmes com atores negros. Eu vejo muito também essa luta da questão do artista negro. Quando você vê que na próxima novela da Globo vai ter uma protagonista negra, Taís Araújo. Ainda não é o ideal... Mas já... Eu acho que para os artistas negros hoje, principalmente para esses jovens... eu estava ouvindo um ator desses jovens, esse rapaz que está fazendo um papel do Bruno, ele é fotógrafo, ele estava dizendo isso, que existe um trabalho para eles hoje. Não mais de escravo nem de empregada doméstica, como acontecia algum tempo atrás. Ainda somos poucos, mesmo na própria universidade, no próprio mestrado, você chega e ainda fica procurando, mas já tem. E também a ajuda que mesmo as pessoas... Hoje o grande questionamento, a questão das cotas, mas hoje já estão vendo isso... Agora mesmo em 20 de novembro mesmo a gente via as pessoas colocando que as outras capitais estavam ligando para o Rio de Janeiro para saber como que estava vendo essa questão para colocar... As universidades particulares já estão preocupadas em colocar essa questão das cotas... Então há um... Nesse “caminhar” houve um crescimento sim.

A.P. – Você enquanto coordenadora, funcionária, trabalhando na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, como é que você vê a Lei de cotas que entra em vigor em 2001 na UERJ, como você avalia essa questão?

M.S. – Eu vou falar até em termos do meu trabalho. Em 2001, quando começou essa questão da cota, com a Secretaria de Tecnologia, precisava de uma pessoa da Secretaria de Educação que estivesse à frente. Lógico que disseram: “A Mariléia.” Então eu fui para lá. Quando eu cheguei já estava quase tudo pronto, em termos de papelada e tudo o mais. E era um choque até para nós, porque nós estávamos discutindo como que vai ser a questão de dizer que você é negro, a gente estava discutindo isso. Aí disseram: “Tem que se autodeclarar.” A gente sabia que isso ia ser um problema muito sério, mas também a gente sabia que precisava disso, tinha uma porção de coisas que precisavam ainda ser enxutas. Mas tem que se aproveitar o momento, e tinha que sair daquela maneira.

Hoje as pessoas já estão, de repente, a própria universidade está repensando, viu o que deu certo, o que não deu certo. O próprio Frei David está sempre à frente, aquele grupo de Pré-Vestibular de Negros e Carentes do Frei David estão à frente...

A.P. – EDUCAFRO.

M.S. – É, EDUCAFRO. Eles estão muito preocupados com essas questões, porque eu vejo também, não querendo mudar muito, que o Movimento Negro se divide muito em funções. Teve alguém que ficou com essa parte de pré-vestibular. Às vezes as pessoas dizem assim: “Mas vocês brigam muito.” Nesse meu brigar, mas não é. Duas coisas: a questão de tribos, que a gente vem de África com tribos diferentes, e a questão de trabalhos mesmo, que cada um tem uma linha de trabalho, não adianta. A forma de ação. Eles estão lá todo dia brigando, antigamente eram os professores, hoje são os próprios alunos. Então há nesse “caminhar” uma vitória. Hoje, eu falando da minha vida, a gente vai lembrando, tem hora que a gente até se emociona, hoje eu tenho duas filhas formadas.

V.A. – Elas se formaram em quê?

M.S. – Uma em Administração de Empresas, e a outra é Bibliotecária. Uma trabalha em Brasília, ela hoje está na Polícia Federal de Brasília como bibliotecária, consciente. A outra também, é funcionária da prefeitura do Rio de Janeiro, também está bem estabilizada trabalhando... E eu fico assim: resolvi minha vida, não tenho mais nada para fazer. Tenho duas filhas formadas, não preciso mais... Mas aí, vem uma neta. A minha filha, pela formação que foi dada a ela, porque eu dizia para elas assim: “Olha, vão estudar, o problema é de vocês. Eu consegui fazer pós, vocês têm que fazer mais que eu...” Olha a cabeça do senhor Santiago aí. Eu comecei a impor isso: “Estudar, tudo bem. Mas só que vocês têm que fazer mais do que eu.” E para me acompanhar, elas ficam meio complicadas nessa situação.

Então minha filha, a princípio, a Alcione foi para Resende, ela fez concurso para a prefeitura de Resende e resolveu... Foi ser funcionária, depois foi convidada pela Estácio de Sá para trabalhar como bibliotecária na cidade, e ela vai. Bom, o que nós concluímos? Não tem mais problemas, está todo mundo trabalhando. Mas aí vem a neta, e a neta precisa fazer o pré-escolar, a educação infantil. Aí quando a minha neta entra, com dois anos para três anos na escola infantil, o que acontece? Porque ela pode pagar uma escola, a melhor escola, vamos dizer assim, da cidade, em Resende. E você descobre que ainda é a única criança negra da escola.

V.A. – Precisa de uma freira lá para fazer, para declamar poesias... [risos]

M.S. – Mas aí, tem a conscientização da casa. Porquê? Teve um encontro aqui na UERJ, aquele que foi em 2001 com a Bené, a preparação de Durban. Aí a minha neta vem comigo, ela estava com quatro anos, toda faceira, quando eu estou no meio do caminho, ela virou para mim e disse assim: “Vó, o menino disse que eu sou preta.” Qualquer coisa assim... Aí eu virei para ela e disse: “Não. Você é negra. Você tem que dizer que tem muito orgulho de ser negra.” Aí me vejo novamente conversando com as minhas filhas. Aí ela vem para o encontro. Nós compramos os bebês pretos que tinham lá, grandes, pequenos... Aí nesse dia até tinha um show da Pepê e Neném, aí ela foi. Daqui a pouco estava a Amanda lá no palco... Mas aquilo para ela foi tão importante que quando ela chegou em casa ela falava do pessoal do Movimento Negro que ela tinha visto, porque foi a primeira vez que ela tinha estado com uma porção de negros. Então é essa conscientização... Outro dia eu liguei, e ela perguntou: “Vó, o que eu tenho que falar mesmo? Que eu tenho orgulho de ser negra.” Então ela hoje foi para Brasília, ela usa as trancinhas, eu estava com tranças e ela disse: “Vó, estou com trancinhas iguais as suas.” Como a minha filha está se relacionando com o pessoal da Fundação Palmares, que os filhos todos nessa questão da militância, de trancinhas, ela viu a menininha com as trancinhas com verde, e ela disse: “Eu quero uma trancinha vermelha.” Então ela já faz questão, ela diz: “Vou usar trancinhas sempre.” Não sei o que está passando na cabeça dela, de colocar essa questão de tranças também já para... Não sei, é uma reação, mas só que eles começam hoje muito mais cedo do que nós. Ela hoje com seis anos, a conscientização que ela tem é bem diferente até porque a gente mostra para ela.

V.A. – Ela tem essa família que...

M.S. – Mostra a ela essa questão. Mas continuamos com a preocupação ainda. Você quer dar a melhor escola. Você paga uma escola cara, e você sabe que ainda é só a sua neta que está ali naquela escola. Só que hoje, a minha filha já tem a preocupação, de no início do ano, de presentear a professora com livros, com um livro infantil que conta a história do negro. E que se acha...

A.P. – Hoje, inclusive, há uma Lei que obriga todas as escolas a trabalharem no seu conteúdo, História e Cultura Afro-Brasileira. O que você acha disso?

M.S. – Olha, está difícil. Está muito difícil isso ainda. Dentro da Secretaria de Educação, nós, em 2002, criamos uma Agenda Cultural Zumbi dos Palmares, que foi um levantamento do que a escola estava trabalhando com a questão da Cultura Negra. Nós descobrimos que as escolas estão trabalhando isso. E Amauri, meu companheiro, ele continua indo... Agora ele está no doutorado, e ele quer mostrar isso no doutorado. Acho que ele vai ser o precursor mesmo em termos de escrever alguma coisa sobre isso. Mas ainda está muito difícil. Você ainda convencer o professor e o próprio diretor da escola que tem que trabalhar essa questão dentro da escola, ainda está complicado. Mesmo a gente tendo livros, as pessoas sabem que existe... Para fazer festa, para fazer cartazes, para fazer a dança: tudo bem. Mas, ainda, para ensinar, eu não sei se o próprio professor está ressentido desse conhecimento também. Mas agora a gente começa a trabalhar.

Eu acho que em cada época surge uma nova luta. Agora a gente tem que trabalhar esses professores mesmo. Tem que começar a ir para o interior. Engraçado: o interior é que tem dado as respostas mais rápido, nessa questão desse trabalho, dessa leitura, desse olhar...

V.A. – No seu trabalho na Secretaria de Educação você tem visto que o interior tem...

M.S. – Respondido mais. As escolas do interior respondem muito mais do que as do próprio Rio de Janeiro. Mas ainda está sendo uma luta muito grande com essa questão dessa Lei, porque tudo que... Inclusive, a minha subsecretaria falou uma coisa muito interessante, quando a Lei saiu, a primeira coisa que eu fiz foi apresentar a ela. Ela disse: “Mais uma coisa. Eu não aguento mais. A escola não vai mais dar aulas não?” Tanta coisa que estava chegando, que ela disse: “A escola não vai mais dar aulas não?” Tipo assim: o governo está criando isso... Interessante.

V.A. – Em março desse ano foi criada a SEPPIR, a Secretaria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial...

M.S. – Da Matilde, não é?

V.A. – Isso.

M.S. – É um espaço. São mais espaços. De repente, em termos de governo, tem sempre que dizer que está fazendo alguma coisa. Então eles colocam, normalmente, uma secretaria, como já foi há algum tempo atrás a SEDEPROM, no Rio de Janeiro... Eles sempre criam um organismo para dizer que estão trabalhando. Eles que eu falo, é o governo, a mídia...

A.P. – De âmbito nacional é a primeira...

M.S. – Pois é, assim como as ministras que a gente tem, são as primeiras. Mas será que elas vão conseguir fazer alguma coisa? Até onde uma camuflagem... Eu fico meio preocupada, porque a SEDEPROM, na época que foi criada, com o Abdias do Nascimento, se criou uma secretaria de promoções negras e custo zero. Não tinha dinheiro. Cria-se um Conselho de Desenvolvimento do Negro no Estado do Rio de Janeiro, que pouca gente sabe falar, não tem dinheiro nenhum, não tem espaço. Mas está criado, ninguém vai dizer que o Estado do Rio de Janeiro não tem. Então eu fico muito preocupada com isso. Sei que as companheiras que estão à frente desse trabalho são companheiras de luta. A própria Fundação Palmares, hoje eu fico questionando se... Há o reconhecimento da Fundação, eles estão fazendo o trabalho deles, mas aí, eu fico pensando, em termos de governo, será que vão investir? Por exemplo: nós temos uma regional aqui no Rio de Janeiro, a companheira está passando por uma dificuldade muito grande, está sozinha, só ela. Então a gente fica meio preocupada com isso. Mas eu acho válido.

V.A. – Tem o risco de ser uma criação só para inglês ver, como a gente diz, não é? Para achar que está sendo feito alguma coisa...

M.S. – Isso. Agora, depende de nós. Claro também, por isso que eu falo: Eu acho que tem que se acabar com a questão da vaidade. Eu acho que tem que avisar: “Olha, eu estou aqui e preciso de ajuda. No que vocês podem me ajudar?” Eu acho que tem ser por aí.

Mas é válido a criação da SEPPIR, claro. Eu tenho visto, a Matilde tem viajado muito, já esteve aqui no Rio algumas vezes. Já sentou com o Movimento do Interior. [riso] Já tomou café da manhã com o interior, já ouviu. Pelo menos está caminhando.

A.P. – A SEPPIR montou um conselho para discutir essas políticas, o CENIERJ teve assento nesse conselho, não?

M.S. – Olha, não. Eu não sei qual foi a data em que se criou esse conselho, mas ela esteve, logo no início do governo, ela esteve aqui com o CENIERJ.

A.P. – Isso é um dos resultados do conselho de políticas... Nesse momento o CENIERJ não participou das reuniões em Brasília?

M.S. – Não. Ainda não. Reuniu-se aqui. Já questionou a questão de estar lá. É tudo isso também... Aí ela já veio ao Rio, já sentou com o pessoal do interior, agora ela sabe. Sentou no mesmo tempo, junto com os quilombolas também. Com a Associação dos Quilombolas, também nessa mesma época, foi no mesmo encontro o café da manhã, mas é uma mulher de luta, acredito que vai conseguir sim um resultado.

V.A. – E com relação ao seu trabalho na Secretaria, que eu acho que tem, como a gente estava falando mesmo, acho que tem muita relação com a questão racial. Os quilombolas, as escolas de Quilombos no Estado do Rio?

M.S. – Nós ainda estamos fazendo esse levantamento, enquanto escola, porque cada região que tem a comunidade quilombola, a realidade escolar é diferente. Campinho da Independência, ela já tem uma escola de primeiro segmento, fundamental, e a necessidade de se criar uma escola de segundo segmento e ensino médio. A gente está viabilizando isso. Mas o Campinho é o único que já está com a documentação, pelo menos, para oferecer a questão do espaço físico para montar essa escola. Agora, as outras regiões, como a comunidade Caveira, por exemplo, a Vó Rosa até oferece o espaço para fazer, mas eles ainda não conseguiram a questão do tombamento, então ela ainda não pode oferecer o espaço, a Secretaria não pode construir essa escola, porque ainda falta essa questão da documentação.

V.A. – Campinho é em Parati e esse de Caveira é aonde?

M.S. – Entre Cabo Frio, Búzios e São Pedro da Aldeia, ali naquela região que eles chamam da Caveira. Ela é um quilombo, que está brigando hoje com a questão do pessoal que tira areia, mas está resistindo...

V.A. – Mais alguma coisa que você gostaria de dizer para a gente aqui, para ficar registrado, sobre essa trajetória de luta, que eu acho que vem desde pequena, com esse pai...

M.S. – Meu sim. Mas eu costumo dizer que está no sangue, a gente começa mesmo é com a lembrança. Acho que Zumbi dos Palmares quando começou... Geralmente as pessoas dizem: “Zumbi olha por mim.” Antes de eu entrar aqui, eu não disse: “Oh, meu Deus.” Não. Eu disse: “Oh Zumbi, me dá uma força. Vou lá falar sobre a questão...” Eu acho que é um referencial muito forte, para mim principalmente. Quando eu vou... A gente hoje faz muita palestra, a gente vai, principalmente para as escolas, e eu sempre digo: “Zumbi, me lembra das coisas.” É esse o referencial que a gente tem, então a luta veio mesmo no navio negreiro, a gente não pode deixar dizer que não. Porque a gente começa a olhar para trás, a gente começa a questionar: “De onde que eu vim?” E na minha família a gente sempre lembra que meus avós falavam muito da Guiné. A gente queria ter esse referencial negro, que a gente acaba perdendo, dessa árvore genealógica, de qual região da África que a gente veio. E falando em Durban, eu fui procurando isso. Eu achava assim, que eu ia chegar lá, que eu ia encontrar ali: “Eu nasci aqui.” Não foi bem assim, mas de qualquer maneira, a África é uma questão muito forte de sangue. Quando você entra na África, você está na região, você sabe que tem alguma coisa ligada ali. O sangue grita forte, fala forte. Eu acho, para mim, muito importante essa questão da luta dos Quilombos, as pessoas dizem assim: “Você ainda está nisso?” Eu digo: “Estou sim. E quero estar todo dia, até porque, todo dia, toda hora, eu continuo sofrendo a questão da discriminação.” Por exemplo: Coordenadora das Escolas Diferenciadas, aí as pessoas vão procurando um biótipo que fizeram para elas. Quando eles chegam na sala, minha sala é muito pequena, quando dão de cara com uma mulher negra, as pessoas já ficam meio assim... Olham assim... Eles nunca acreditam que você possa estar dentro de uma secretaria, com uma situação, com um cargo, não ganhando muito bem, mas as

peças não acreditam. Até quando você usa o próprio carro oficial dessa secretaria, que as pessoas ficam olhando, quase que não acreditando que você está ali sentada em um carro oficial... É uma coisa assim, que ainda a luta continua mesmo. A gente tem que passar isso, e eu acho que hoje a questão do registro mesmo, de a gente registrar essa história, e a gente mesmo começar a escrever.

Tem companheiros nossos aí que depois que lutaram, lutaram muito, aí resolveram voltar para a universidade, porque descobriram que a questão da pesquisa, que tem que trabalhar, que é o meu caso também, tem que voltar agora para o mestrado, para poder trabalhar isso. Porque está tudo muito assim na cabeça da gente, mas a gente tem que falar, a gente tem que passar isso. Até porque eu tenho que cobrar as minhas filhas que elas têm que estudar muito mais do que eu. Acho que é só.

V.A. – Obrigado, Mariléia.

[FINAL DO DEPOIMENTO]